



Passaio leva alunos de Música e Fotografia ao Museu do Amanhã

Pág. 4



Equipe técnica do CDB acompanha demandas

Pág. 7



Turma de Grafite visita obra dos artistas gêmeos no CCBB

Pág. 6



Vans adaptadas facilitam acesso de quem tem dificuldade de locomoção



A educação tem vários entraves que podem ser sanados com dedicação e a atenção devida. Um deles está ligado a falta de acessibilidade nas cidades e instituições de ensino, principalmente em locais mais remotos. E foi por isso que o Programa Cultura de Direitos colocou vans para facilitar o acesso às oficinas de crianças, jovens e adultos, principalmente os que tenham alguma limitação física, para que não fiquem alijados do direito de aprender.

Das vans disponibilizadas para o programa, duas são adaptadas com elevador para cadeirantes. Elas atendem a todos os polos, conforme solicitação, justamente para permitir o embarque e transporte de cadeirantes. Até mesmo o trajeto para esses alunos foi pensado. Os cinco polos do programa, Pedreiras, Bambuí, Manu Manuela, Inoã e Recanto, possuem vans que buscam e levam os alunos.

Aluno do Polo Bambuí, Cláudio Ferreira da Silva, de 63 anos, mora em Cordeirinho, frequenta a oficina de violão há 5 meses e

tem dificuldade de locomoção. “Só estou podendo aproveitar a oportunidade de realizar meu sonho de tocar violão por conta desse transporte, pois o Polo de Bambuí fica num lugar de difícil acesso para mim. Ficaria impossível frequentar as aulas se não fosse a van”, disse.

Cláudio reconhece ainda a importância da van para todos os alunos. “Acredito que se torna muito mais seguro já que a van pega as crianças na porta de casa e leva de volta. E também tem outros alunos que já tem idade

avançada.

“Podemos ficar tranquilos em levar nossos instrumentos sabendo que assim não corremos riscos”, justificou o aluno, que pretende fazer outras oficinas mas por enquanto enquanto, está focado apenas no violão.

Pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revela que 6,2% da população

brasileira são portadoras de algum tipo de deficiência. A pesquisa considerou quatro tipos de deficiências: auditiva, visual, física e intelectual. Outra pesquisa do IBGE, realizada em 2021, que comprova os entraves no acesso à educação, aponta que 67% de pessoas com deficiência não tenham instrução ou apenas o ensino fundamental incompleto.



EXPEDIENTE:

Jornal Programa Cultura de Direitos - uma publicação Secretaria de Participação Social, Direitos Humanos e Mulher e da Casa da Cultura Centro de Formação Artística e Cultural da Baixada Fluminense/ CNPJ 36.446.029/0001-49./ Termo de Colaboração nº 21/2022 / Endereço da Sede do Programa: Rua Cel. Aloísio Costa Silva, Lote 11, Quadra N, Jd. B. Centro, Maricá/RJ – CEP 24.900-000 - Jornalista: Helvio Lessa MT 18.698 / Agentes de comunicação: Pedro Bernardo Barnabé de Sá e Alexandre Campos / Fotografia: arquivos do programa e da secretaria - Fotógrafos Raphael de Oliveira / Impressão: C.W.V. Gráfica Editora e Bazar Eireli/ CNPJ 73.668.675/0001-87/, Avenida Beira Mar, 232, Aquarius (Tamoios), Cabo Frio, CEP 28.925-852/ Inscrição Municipal 10033568/ Tiragem 30.000 (trinta mil).

Em quatro anos, aluno do Coral passa de aprendiz a educador



Para algumas pessoas, estudar e ensinar andam lado a lado e essa proximidade só é percebida com tempo. Para alguns, a mudança vem mais rápido do que se possa imaginar, mas é preciso, antes de tudo, que se tenha acesso à educação e à cultura.

Oportunidade é o que proporciona o Programa Cultura de Direitos e, exatamente, o que aconteceu com Gabriel Marques, que aprendeu como aluno e se tornou educador da oficina de Coral. E, hoje, é responsável pelas turmas nas oficinas dos polos do Recanto, nas segundas-feiras, e Inoã, nas sextas-feiras.

Gabriel sempre lembra da oportunidade nesses anos do programa, onde entrou desde o início, em 2018, sobretudo da educadora Belle Nunes com quem mantém parceria e

amizade. “As coisas foram acontecendo muito naturalmente, Belle foi e é uma pessoa muito maravilhosa na minha vida, desde um tempo ela já estava me treinando para ser educador e me preparando sem eu perceber. Foram muitos anos estudando e me preparando. Mas nunca pensei em me tornar educador, isso foi uma surpresa até pra mim”, disse.

Em fevereiro, Gabriel completa um ano como educador, sendo que no Programa Cultura de Direitos já são quatro meses. E pretende fazer faculdade de Música para dar continuidade a paixão que vem desde a infância. O jovem conta que sempre gostou de cantar e, mesmo antes do projeto, já fazia canto na escola onde estudava. Logo depois passou também a cantar

na igreja que frequentava. Até que um dia começou, sem perceber, a assumir uma postura de educador.

Ele conta que, quando percebeu, já estava passando o que aprendia em sala para o pessoal do grupo de louvor da igreja que frequentava. Mais uma vez funcionou a parceria com a educadora Belle. “Ela observou isso e viu em mim algo que não tinha visto ainda. Desde aquele dia ela, sempre que surgia o assunto, falava para mim que eu começaria a dar aulas um dia”, explicou.

E acertou em cheio. Gabriel conta que, no início ficou com medo, mas, mesmo assim, decidiu encarar o desafio. “Afinal de contas, se tem uma coisa que eu amo é música. Foi aí que decidi

me dedicar mais ainda.

Comecei a estudar e entrei em uma aula de teclado para me auxiliar”, explica. Gabriel conta ainda que participa de concursos de canto também está em seus planos futuros.

É fã de música Gospel e Internacional, mas se assume como eclético, ouvindo todos os estilos. E toma todos os cuidados para manter a voz, segundo ele, comendo maçã, e bebendo sucos cítricos e muita água, para manter as pregas vocais hidratadas e evita o ressecamento. Ele dá um conselho para os jovens: “Se dediquem, estudem, mesmo. Além de adquirir conhecimento, amanhã você pode estar ensinando aquilo que aprendeu”.

Mas antes de entrar definitivamente como educador no Programa Cultura de Direitos, começou a fazer alguns trabalhos em outros projetos até adquirir a experiência necessária. “Fiquei bastante tempo dando aula particular. Até que recebi a maravilhosa notícia que entraria no Programa Cultura de Direitos, que sempre amei fazer parte. Quero sempre estar no meio da música que é o lugar que eu mais amo”, garantiu.

Além de dar aulas na oficina, Gabriel é também parte do Coral do programa, que se apresenta em eventos oficiais da secretaria Municipal de Participação Popular, Direitos Humanos e Mulher, a qual o programa faz parceria, e de outros órgãos do município de Maricá. Seu tom é ouvido com certo de destaque nas canções que fazem parte do repertório do Coral, como “Sará Crioulo” e “Pra Não Dizer Que Não Falei das Flores”.

Alunos de Música e Fotografia visitam Museu do Amanhã e se apresentam ao ar livre



Um passeio e visitação ao Museu do Amanhã encantou o grupo de alunos das oficinas, grupo de alunos das oficinas, além de familiares, educadores, coordenadores e funcionários. Em dois dias, 17 e 21, de janeiro, uma caravana deixou os polos em Maricá e saiu em busca do conhecimento da capital. No roteiro, arte, história, fotografia, e informações visuais sobre o clima na terra, assuntos que fascinam, mas preocupam as futuras gerações.

Teve ainda a mostra Amazônia, de Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro. Nos painéis monitores, registros de sete anos de experiências e expedições na Amazônia. A exposição revela a floresta, rios e montanhas, além de aldeias e povos indígenas. Entre eles os Yanomamis, que estão atualmente na mídia de uma forma muito triste.

No primeiro dia participaram alunos do Programa Cultura de Direitos das oficinas de Fotografia e Coral dos polos de Bambuí e das Pedreiras. No segundo dia de visitação, foram os alunos de Música e Fotografia. Desta vez, dos polos do Recanto, Inoã e de Manu Manuela. Com transporte de vans e lanches, todos passaram uma manhã de cultura e conhecimento, orientados por guias. E ansiosos pela apresentação ao ar livre.

Cada dia de visitação terminou com uma bela apresentação na porta do museu, o que atraiu a curiosidade e agradou quem entrava para visitar. No primeiro dia, comandados pela educadora Belle Nunes, o coral se apresentou à capela e se tornou uma atração a parte no centro turístico. No repertório, os clássicos Pra não Dizer Que Não Falei das Flores”, de Geraldo Vandré, e Sarará. Crioulo,

sucesso na voz de Sandra de Sá.

No segundo dia a apresentação também despertou a curiosidade dos que passavam pela Praça Mauá. Jovens, adultos e adolescentes que fazem parte da oficina de Músicas “sacaram” de seus violinos para uma linda apresentação. Comandados pelas educadoras gêmeas Suelana e Clariana Matos, tocaram clássicos, como a inesquecível Asa Branca,

eternizada na sanfona de Luiz Gonzaga, sob aplausos da plateia.

Breno Serafim, 19 anos, aluno de violino do Polo Inoã, ficou feliz com a apresentação e com a visita. “Foi uma experiência bem bacana. Principalmente o Cine de 360 graus e o efeito sonoro, sobre a criação do Mundo, foi tudo bem marcante”, disse.



Contato com história passada e projeções do futuro encantam os alunos nos dois dias de visita



A reação dos alunos durante a visita retrata bem a importância deste contato extracurricular com a cultura em suas variadas formas. Entre outras vantagens, eles assimilaram bem que o passado pode ter e tem influência no nosso presente. E o que se faz no presente é a melhor maneira de pensar em um futuro melhor.

Vitor Leonardo Santos Siqueira, 17 anos, aluno de Fotografia do Polo Pedreiras, reforçou a opinião sobre a fotografia ser o modo preferido para se expressar, ao ver os painéis amazônicos de Sebastião Salgado. Mas fez questão de elogiar tudo que viu. "Gostei do jeito que eles interpretaram o

fato de como a gente pode saber de tudo e, ao mesmo tempo, não saber de nada. Mexe muito com a emoção", explicou.

Outra aluna de fotografia de Pedreiras, Rute da Silva Santana, 40 anos, disse que o passeio foi uma experiência fantástica. "Assistir a experiência do Big Bang foi oportunidade única de mergulhar nessa ilustração. E ter oportunidade de ver de perto a obra de um profissional tão renomado, como o Sebastião Salgado, é muito bom. Adorei tudo", disse.

Para Danilo Marcos Silva de Brito, 20 anos, do Coral, o Museu do Amanhã é uma oportunidade de voltar e

entender o passado. "Estou achando tudo muito legal, a gente aproveitou bastante o local, as imagens, as fotografias. Mesmo atuais, as fotografias estavam em preto e branco. Lembrando o início de tudo", justificou.

Mesmo pensamento de Lorena Sales Barcelos, 17 anos, do Coral de Bambuí. "Adorei a experiência de estar em contato com coisas antigas e atuais. É a primeira vez que estou aqui e estou adorando tudo", disse.

Isabel Santos de Albuquerque, 65 anos, aluna de Fotografia do Manu Manuela, ressaltou a originalidade das fotografias expostas. "Já tinha ouvido falar

da exposição no nosso polo, pela educadora Cecília Fonseca. Ela levou um vídeo falando sobre Sebastião Salgado e o seu trabalho. Foi muito bom a gente, agora, ver ao vivo", justificou.

O passeio contou ainda com familiares de alunos. Maria Auxiliadora Dias da Silva, 83 anos, acompanhou a neta Vitória de Andrade Caetano, de 12, aluna de Fotografia de Bambuí

"Esse tipo de passeio é muito importante para as crianças. Eles não vão esquecer nunca desse momento", disse.



Alunos de Grafite conhecem obra de gêmeos paulistas no CCBB

Mais um passeio cultural do Programa Cultura de Direitos levou conhecimento aos alunos. Dessa vez a visita foi ao Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Centro do Rio. Alunos das oficinas de Grafite percorreram a exposição "Os Gêmeos: Nosso Segredo, com seus quase mil itens, mostrando a obra dos gêmeos grafiteiros paulistas, Gustavo e Otávio Pandolfo, de 48 anos.

Os alunos ficaram fascinados pelo encontro com as cores, marca registrada dos artistas.

Na parte da exposição dedicada ao registro fotográfico chamou a atenção os murais produzidos pelo mundo. Estavam imagens dos novos murais, como um criado no Queens (Nova York), outro em Ishinomaki, no Japão, para o Reborn Art Festival.

Sedentos por esse contato direto com representantes do grafite, eles puderam conhecer um pouco do processo dos artistas, obras de vários períodos como desenhos de infância e os personagens de pele amarela e roupas estampadas, uma das marcas registradas da dupla. O passeio foi um "aditivo" para a recém-criada oficina de Grafite, e que já se tornou uma das mais procuradas do Programa Cultura de Direitos.

A visita colocou os alunos frente



a frente com a obra que faz parte do cotidiano, uma referência para a grafiteagem. A arte dos irmãos Pandolfo tanto pode estar em um muro e em um prédio, como também na pintura de um avião ou dentro de um museu. Entre os destaques da exposição são as obras "Templo" e "Gigante", que foram adaptadas especialmente para ocupar o espaço possível dentro do CCBB.

O contato com a arte na exposição despertou um sentimento individual em cada aluno. Rafaela Goulart dos Santos, 12 anos, aluna de Grafite do Polo Bambuí, ficou fascinada com as cores da exposição. Eduardo de Oliveira França Ferreira, 12 anos, gosta de desenhar e conta que se

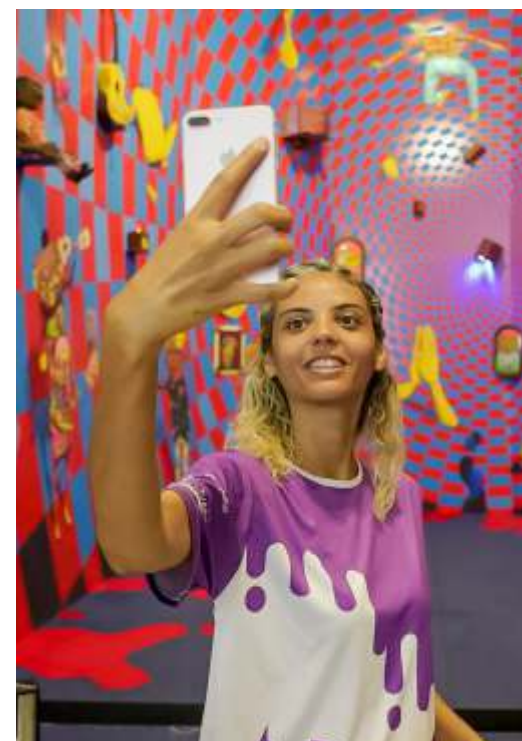
divertiu muito. "Gostei dos quadros da exposição. É melhor do que aprender só na sala de aula", disse.

Poder ter esse contato direto com a arte também foi destacado pelas irmãs gêmeas Eduarda e Julia Vidal Silva, de 19 anos. Alunas da primeira turma de Grafite, elas consideraram o passeio uma experiência maravilhosa e que poderia se repetir, por que ajuda a entender mais a arte. "A criatividade deles é muito grande. Mostra também o trabalho e o esforço de muitos anos fazendo arte para chegar até a exposição na galeria", justificou Julia.

Os passeios culturais ajudam a expandir o conhecimento do jovem e agrega na formação da criança. Para o educador Igor de Souza Teixeira, o Suli, de Grafite, esse alcance aumenta quando se trata de dois artistas que temos no Brasil. "Mostra para eles que o Grafite em um lugar privilegiado. Não se encontra mais só nas ruas. Hoje está em grandes galerias, com mais espaço na sociedade. E as crianças se deparam com

isso, ver que grafite não é só muro. Às vezes uma lata vazia pode virar uma obra. E que ajuda o meio ambiente, por ser reciclável", disse.

A opinião é compartilhada com Cristiano Preas. "Acho que tem várias direções positivas. A primeira é trata inclusão dos nossos alunos, de possibilitar a eles a oportunidade de ir a um museu. Ainda mais sendo uma exposição como essa de grafiteiros. Não teria oportunidade melhor para a gente agregar a nossa oficina, do que essa exposição dos gêmeos", justificou o educador.



Educadores têm um dia de aluno e aprendem com a obras dos gêmeos/mestres



Até mesmo os mais experientes e mestres tiveram seu dia de fascinação e entusiasmo com a obra dos irmãos grafiteiros, como os educadores Cristiano Preas, Tiago Pereira Valdevino, o Papa, e Igor de Souza Teixeira, o Suli. A cada parte da exposição do Centro Cultural Banco do Brasil, eles se empolgavam com os traços e a combinação de técnicas presentes na obra dos Gêmeos e que já são conhecidos mundialmente. Os três reconhecem que aprenderam mais um pouco como contato.

O educador Cristiano Preas era um dos mais empolgados e, também, o único que já teve contato direto com os irmãos. "Falar deles é difícil. Os caras são uns dos primeiros grafiteiros do Brasil. Estão nessa direção, trilhando esse caminho desde a década de 80. Começaram na cultura hip-hop, foram Bboys, essa galera da dança. Depois se perceberam nesse universo das

artes plásticas e do grafite. Começaram a desenvolver essa caminhada e, hoje em dia, têm um estilo bem único e partícula", justificou.

Ele conta que já conhecia o trabalho deles pessoalmente. "Alguns anos atrás, aqui no Rio mesmo, levei uma turma da oficina de Grafite, que Participava antes, e temos uma oportunidade de conhecê-los. Eles são sensacionais. Deram atenção a todos os alunos, deu uma folha para cada aluno. Enquanto não acabou o último aluno eles não pararam de desenhar para a gente. De uma sensibilidade e respeito com a galera. Foram atenciosos, tocaram ideias", contou.

Igor de Souza Teixeira, o Suli, educador de Grafite afirma que nunca tinha visto o trabalho dos gêmeos pessoalmente, apenas pela internet, por fotos e vídeos. Reconhece que para ele, Também foi uma experiência

positiva a, já que Gustavo e Otávio Pandolfo são referência absoluta no Grafite, e que vieram na frente, junto com outros artistas, abrindo esse espaço para todo mundo.

"Foi a primeira vez que vi pessoalmente. Estamos falando de dois artistas maravilhosos. O que eles passam no trabalho, além de ser muito expressivo, é bonito de se ver. Abre um leque de opções. Não é só muro. Você se depara com blusa, escultura, um filtro de barro que eles customizaram. Qualquer coisa serve de base para grafite. Na s mãos dele sim. Os artistas que os acompanham se ampliaram para essa ideia também. O filtro e tornou uma moldura para obra. O filtro já é uma obra e eles deram continuidade a essa Obra", disse.

O educador Tiago Pereira Valdevino, o Papa, diz que acompanha trabalho eles há algum tempo, mas que também só agora teve a oportunidade de conhecer o trabalho pessoalmente. "É uma coisa incrível e oportunidade única. Quem teve gosto de desenho pode ver muita coisa deles. Desenhos de criança, que a gente faz e joga fora, eles guardaram. Isso abre um leque de visão, para quem está começando agora aprender que deve guardar todos os seus desenhos, para ver a evolução".



Equipe do CDB encaminha demandas e acompanha os casos mais complexos

A garantia de direitos dos moradores ganhou mais força desde novembro, quando o Programa Cultura de direitos, através do Comitê de Defesa dos Bairros (CDB), formou uma equipe técnica social profissional. São sete profissionais de Assistência Social e Psicologia que recebem, analisam, agilizam e encaminham as demandas sociais da população. Seja na questão habitacional dos desabrigados das chuvas, nos casos de luto, de idosos sem acesso aos direitos ou de guarda de criança. A maioria é identificada pelo trabalho de campo dos agentes, durante as visitas, mas têm as espontâneas, que são trazidas pela própria família de alunos dos polos do Programa Cultura de Direitos.

A equipe técnica do CDB é formada por sete profissionais de nível superior. A coordenadora e assistente social Juliana Rosa Pimentel e mais quatro assistentes sociais e duas psicólogas, que fazem o trabalho de atendimento. "É uma equipe interdisciplinar. E cada polo tem um técnico responsável pelo acompanhamento das famílias que são atendidas no programa. Cada uma fica responsável por um polo e por um território. Os agentes comunitários fazem o trabalho de campo, abordagem e colhendo informações, que são levadas para equipe técnica", disse Juliana.



Enquanto os agentes estão no dia a dia com a população colhendo dados, a equipe técnica faz o acompanhamento social dessas famílias através das informações. Após a avaliação, faz uma busca ativa e um trabalho direto. "As técnicas avaliam qual é a melhor forma de abordagem. Se é uma visita domiciliar ou o contato telefônico", explica Juliana. Elas se reúnem semanalmente na sede do CDB para discutir essas demandas. E também fazem um calendário de ações no início de cada mês.

A assistente social Naira Ferreira conta que cada técnica é responsável por um território, que tem demandas diferentes "Se o território tem mais casos de desemprego ou de violência doméstica, por exemplo, e a técnica identifica

isso, faz pontes e cria redes com os órgãos responsáveis, para que se possa fazer os devidos encaminhamentos. Nos casos de violência contra a mulher, a demanda é encaminhada para a Casa do Mulher, por exemplo. Se for criança fora da escola, a situação é encaminhada para Secretaria de Educação", explica Naira.

A psicóloga Andreia Rodrigues diz que o trabalho é muito mais voltado para a assistência social, mas que os casos ligados à psicologia, que variam conforme a região, também são encaminhados à rede de Saúde. "Dependendo do território, essas demandas são diferenciadas. Na minha experiência de 2022, identifique vários perfis, com incidências de determinados casos em determinadas regiões", disse.

Juliana acrescenta que já existe uma rede básica que atende a população, como o CRAS, as escolas públicas e os postos de saúde, por exemplo. "A família, geralmente, já é atendida nessa rede. Mas muitas vezes existe a falta de informação e, aí, entra o trabalho da equipe técnica, para que possam acessar os serviços e equipamentos públicos e suas garantas de direitos", explicou.

Com a ampliação dos polos, que subiu para seis no total com a inauguração do Polo Spar/Santa Paula, o trabalho dos técnicos também ampliou. Cada caso é acompanhado até a conclusão. Ou seja, as famílias sempre terão alguém para recorrer em casos de dúvidas, recebendo apoio e acolhimento.